

ANC 10 JORNAL DO Jogo Dúplice

27 FEV 1987

A Constituinte não conseguiu aprovar o regimento que regulará a sua tarefa no primeiro mês de funcionamento. Toda a negociação foi incapaz de abrandar a intolerância que a infecção politicamente. "O PFL denuncia ao Brasil a grande farsa que um grupo radical do PMDB pretende impor", diz a nota oficial desse partido, integrante da Aliança Democrática e, portanto, sócio do PMDB no empreendimento de governar o país neste momento grave.

A referência ao grupo radical é tática política. Sabem o PFL e os pequenos partidos que o acompanham na tomada de posição sobre a missão exclusiva da Constituinte que o PMDB se torna responsável por extensão. A maioria pemedebista não quer por enquanto assumir publicamente a responsabilidade de isolar a facção intolerante. Mais tarde, será desnecessário ou impossível. Essa cerimônia com os radicais tanto se manifesta no deputado Ulysses Guimarães — como presidente do partido e da Constituinte — quanto no relator do substitutivo, senador Fernando Henrique Cardoso.

Os radicais assumiram com exclusividade o conteúdo político expresso na sua posição abusiva de soberania, entendida como tal à margem de um poder extraordinário reservado para ações extraconstituintes. O deputado Ulysses Guimarães e o senador Fernando Henrique, não. Querem jogar nos dois lados que a Constituinte gerou na interpretação do seu conceito de soberania. Os radicais defendem, além da elaboração da futura Constituição, o exercício do poder como consequência do próprio mandato que receberam na qualidade de constituintes, e não do mandato parlamentar que resultou do mesmo voto.

"O PFL entende que a Constituinte foi convocada exclusivamente para elaborar uma Constituição, de forma soberana e livre". Livre e soberana é, no entender do PFL, a tarefa de elaborar a futura Constituição. A facção radical do PMDB, no entanto, insiste em atribuir à Constituinte uma soberania acima do próprio conceito, como um poder criador original, que negasse a existência de normas anteriores. O Brasil não está começando, e sim recomeçando, a partir de um ponto que tem como antecedente histórico uma longa experiência e um acervo a ser considerado.

O lado não contagiado do PMDB, no qual supostamente se situam o presidente Ulysses Guimarães e o relator Fernando Henrique, continua intimidado, e já agora suspeito de ser interessado em ver o radicalismo de esquerda patrulhar o governo. Qual é, ou pode ser, o ponto de convergência política dos interesses que separam, cada vez menos, o presidente e a esquerda do PMDB?

O PFL retirou sua bancada do plenário, e foi seguido pelos pequenos partidos, em "protesto contra a decisão ditatorial do deputado Ulysses Guimarães". O presidente da Constituinte, mais uma vez, cedeu à pressão radical e recusou ao plenário "o poder de deliberar sobre uma importante questão de ordem". A questão de ordem era relativa ao modo de votação a ser observado no tocante aos destaques do substitutivo. E ai entra em cena o estranho papel do senador Fernando Henrique Cardoso, que desconheceu intencionalmente as propostas encaminhadas pelos demais partidos.

Torna-se absolutamente impossível aceitar tal como se apresenta esse instrumento político, verdadeira aberração, que foi batizado com o nome de Projeto de Decisão, da lavra dos soberanos. A apresentação do relator desenha um monstrengos — a falta de clareza não define o instrumento político, mas detona uma suspeita inaceitável como preliminar de qualquer entendimento entre democratas e radicais. Além do mais, a exigência de um terço de assinaturas reserva ao PMDB o monopólio da iniciativa de apresentar Projetos de Decisão, que o regimento submete ao critério de relevância. O PMDB quer ficar com a faca e o queijo, além do apetite agudo de poder.

Clareza é o que o PFL reclama por instinto. Clareza, no caso, é exigência ética, pois a deslealdade se oculta também no texto confuso e impreciso onde a ambigüidade faz o jogo escuso. A queixa de que o presidente da Constituinte nega ao plenário "o poder de deliberar sobre uma importante questão de ordem" é apenas a ponta de um imenso iceberg no caminho dessa nau que segue rumo incerto. Sem um bom comandante e com radicais distribuídos entre a tripulação e os passageiros, não será nada demais se a qualquer hora soar o SOS.